

## Gonçalo Frota

A leitura de *Viagens*, de Olga Tokarczuk, levou João Neca até *Nômadas*, uma peça em que os corpos em movimento tentam fugir ao controlo das estruturas de poder – representadas pela presença “inofensiva” da tecnologia. De 13 de Abril a 14 de Maio, em Palmela.

# O Bando em movimento para fugir ao controlo

**N**a companhia de teatro O Bando, acredita-se que os mesmos processos podem conduzir aos mesmos espectáculos. O que significa algo aparentemente muito simples: para cada nova criação, há uma procura pela elaboração de um processo distinto.

Foi assim que João Neca, desta vez encenador (numa estrutura em que ninguém tem funções fixas), sabendo que queria trabalhar sobre um excerto de *Viagens*, livro da autora polaca Olga Tokarczuk, desenhou um plano de criação que passaria por chamar as duas atrizes para três semanas de trabalho espalhadas pelos últimos três meses de 2022. Em cada uma dessas sessões, Ana Lúcia Palmilha e Rita Brito eram desafiadas a entregar-se a uma “vivência” e, em seguida, carregar essa experiência para improvisações que poderiam vir a alimentar a peça.

Em Outubro, João Neca pediu-lhes que passassem uma manhã inteira a viajar sozinhas no metro de Lisboa (à semelhança de algumas das personagens de Tokarczuk, entregues a uma cortante solidão em ambiente urbano). Em Novembro, foram largadas na cidade e caminharam sem parar durante duas horas, sendo recolhidas mais tarde. Em Dezembro, passaram uma noite com um grupo de sem-abrigo, escutando as suas histórias.

Foi na improvisação que se seguiu a este derradeiro momento de imersão na realidade que Rita Brito, de calcando os movimentos de uma mulher que conheceu na véspera (incapaz de sossegar um corpo agitado por um passado heroínómano), se transformou na Anoushka escrita por Tokarczuk. Não é por acaso, aliás, que Neca escolheu nomear como *Nômadas* este espectáculo baseado num dos capítulos de *Viagens* e no manifesto que se lhe segue. Porque há nestas duas mulheres (se são duas ou uma, na verdade, é toda uma outra questão) uma pulsão constante, uma necessidade de não

estarem paradas, como se a vida as pudesse apanhar e engolir em qualquer momento de indecisão, descanço ou contemplação.

O cenário de *Nômadas* – em cena no Teatro O Bando, Vale dos Barris, Palmela, de 13 de Abril a 14 de Maio – aponta para essa transitoriedade sorvida de Tokarczuk: módulos bastante altos guardam nas suas costas filas de cacifos, de onde saltam adereços, figurinos, histórias e até mesmo personagens.

Foi essa viagem no espaço e no tempo, com que Tokarczuk liga as várias narrativas autónomas do seu livro – da irmã de Chopin que leva o coração do compositor de volta para Varsóvia à mulher que se desloca para envenenar o seu primeiro amor, passando por estas duas mulheres de *Nômadas*, presas no momento em que ambas assistem a uma rapariga que espanca um cavalo e uma delas resolve pagar à agressora na mesma moeda –, que cativou João Neca quando, depois de ter ficado fascinado com o discurso de aceitação do Nobel por parte da escritora polaca, conseguiu vencer a resistência em relação à produção literária (que as horas de trabalho em volta de textos lhe tinham erguido).

“Quando comecei a folhear o livro e percebi que era todo fragmentado, pensei que não serviria para teatro”, confessa o encenador ao Ípsilon, assumindo o quanto os seus olhos de leitor estão sempre contaminados por essa possibilidade de transformar qualquer texto em matéria para os palcos. “E durante as primeiras 198 páginas tive razão. Mas quando descobri aquele conto, que adorei, e li o manifesto que vem em seguida, percebi que tudo batia certo com as questões de tecnologia sobre as quais andava a ler.”

De repente, as palavras de Tokarczuk ganhavam todo um outro significado quando Anoushka e Galina, as duas mulheres, podiam ser projectadas numa cidade digital: “Balança, mexe-te, anda! Só assim podes escapar-lhe. Aquele que governa o mundo não tem poder sobre o movimento e sabe que o nosso corpo em movimento é sagrado. E tu só podes escapar-lhe quando estás em movimento.”

Estas palavras que Galina repete para si, num torvelinho de discurso, enquanto roda sobre si mesma, tentando proteger-se a si mesma dessa força invisível de governança sobre o mundo, desses mecanismos das instituições que escravizam e domesticam, vinculam a relação que João Neca sublinha com uma tecnologia controladora e manipuladora, espelhada, desde logo, na projecção de um mapa da cidade digital habitada por Galina e Anoushka. Essa cidade percorrida por dois pontos, azul e vermelho (as cores das roupas das personagens),

que acompanham em permanência as deslocações das duas no emaranhado das ruas em que vivem.

### Robots e algoritmos

Seguindo o rasto do conto de Olga Tokarczuk mas autorizando-se a criar novas ligações com o mundo exterior, a encenação de *Nômadas* faz surgir, às tantas, a figura de um frágil robot em cena.

É um robot que, à primeira vista, dir-se-ia inútil e inofensivo. Para João Neca, a intenção era a de que pudesse criar “empatia” com o público. Mas é essa sua fragilidade que o torna insuspeito e confiável, tornando-se transparente, ignorado por quem passa a viver na sua companhia como se nenhuma presença ali existisse. Sem cair num discurso de diabolização da tecnologia, ao encenador interessa sobretudo jogar com este “lado acessível” dos telemóveis, tablets, computadores e outros apetrechos nos quais despejamos toda a nossa vida, uma acessibilidade desacompanhada “da consciência ou da alfabetização tecnológica” que, na sua opinião, “seria fundamental” para uma convivência saudável. Cruzando Tokarczuk com a leitura de *Olá Futuro – Como Ser Humano na Era dos Algoritmos*, da matemática Hannah Fry, Neca refere-se à forma como “o algoritmo entra nas nossas vidas e é alimentado pela mente humana”.

Não há robot nas páginas de Tokarczuk, como não há também uma diátribe de Galina acerca da celebração do Dia Mundial da Paz enquanto o mundo avança de guerra em guerra, ou do Dia da Caridade, do Dia da Solidariedade, do Beijo, da Religião, da Consciência Negra, do Orgulho Gay, do Combate da Violência contra as Mulheres, dos Professores, da Cultura ou da Liberdade de Imprensa – quando durante o resto do ano todas as causas são varridas para longe da consciência e dinamitadas pelo tal algoritmo que enreda cada um(a) no seu pequeno mundo. Mas há em Tokarczuk uma relação com as estruturas de poder e uma brecha de possibilidade na tomada de microescolhas que criam lugares e caminhos distintos.

Daí que Galina e Anoushka possam ser a mesma mulher, afinal, conduzida a dois destinos e dois tempos diferentes. Daí que Galina e Anoushka possam ser duas mulheres colocadas perante uma mesma situação. Diante da solidão que sentem sentadas no parapeito de uma janela da escola, uma levanta-se e foge, a outra deixa-se ficar. Uma age e reclama uma narrativa, a outra fica-se e aceita a que para ela foi inventada. Olga Tokarczuk, que cria várias camadas autorais na sua literatura, sabe que há que ter cuidado com os narradores – não se lhes pode deixar o controlo da história por inteiro.

